

A imagem dos imigrantes: uma análise das notícias televisivas de 2015 e 2016¹

Adeline BORDIN²
Elaine JAVORSKI³

Centro Universitário UniBrasil, Curitiba, PR

RESUMO

Este artigo observa de que forma são tratadas as notícias sobre o tema da imigração por meio de uma análise de conteúdo dos noticiários Jornal Nacional, Bom Dia Brasil e Bom Dia Paraná, da Rede Globo e afiliada, durante o período letivo de 2015 e 2016. As notícias emitidas pelos telejornais são, em sua maioria, sobre fatos envolvendo imigrantes no exterior. Já as notícias nacionais tratam, basicamente, de fatos policiais e festividades. As conclusões apontam que há diferença entre o tratamento dado em rede nacional e regional. Além disso, percebe-se o pouco interesse sobre a imigração no Brasil, o que resulta em incipientes discussões públicas sobre o assunto.

PALAVRAS-CHAVE: fluxos migratórios; monitoramento de mídia; telejornalismo.

Introdução

Atualmente existem cerca de 250 milhões de migrantes internacionais e 750 milhões de migrantes internos, segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM). Muitos deles saem de suas terras por não ter outra opção de vida. São mais de 20 milhões de refugiados, o maior número de imigração forçada desde a Segunda Guerra Mundial, conforme o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). A maioria ocorre no hemisfério sul, sendo o deslocamento mais comum para países próximos ou vizinhos. Se por um lado, há uma superlotação demográfica em alguns países, por outro, esse fluxo de pessoas ajuda a contrabalançar a baixa taxa de natalidade, por exemplo, de muitos países desenvolvidos. E são justamente os imigrantes

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Acadêmica de Jornalismo do 7o período, bolsista do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Migrações, email: draupadidd@hotmail.com

³ Professora pesquisadora do Centro Universitário UniBrasil, líder do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Migrações, email: elainejavorski@hotmail.com

que reativam o mercado de trabalho, dão suporte ao sistema previdenciário e auxiliam no crescimento populacional.

Ao observar esses fluxos, é possível perceber que alguns fatores podem explicar esse complexo panorama migratório, como observa Marinucci (2008). Para o autor, há alguns facilitadores que permeiam as viagens, como por exemplo, o aprimoramento e barateamento dos meios de comunicação e transporte; as agências de tráfico de pessoas e as próprias redes sociais dos migrantes que facilitam o conhecimento sobre determinadas regiões e torna o acolhimento mais fácil, como é o caso também do reagrupamento familiar. As disparidades econômicas também influenciam os deslocamentos, uma vez que os países desenvolvidos estão no lado norte do hemisfério, embora as crises econômicas modifiquem esse cenário em determinadas épocas. Também o envelhecimento populacional e a necessidade de mão-de-obra, bem como as estratégias de alguns governos de países emissores, contribuem para a imigração. Além disso, há o caso das pessoas em busca de refúgio e vítimas de desastres naturais ou guerras.

Até então receptor de migrantes, no final dos anos 80 e início dos anos 90 o Brasil passa a ser um país de emigração quando cerca de 600 mil cidadãos deixaram o país. Na atualidade, uma nova onda migratória atinge o país. Dados do Censo Demográfico 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que 286.468 imigrantes vivem no Brasil há pelo menos cinco anos e em residência fixa. O número foi 86,7% maior do que em 2000, ano da última pesquisa, quando haviam 143.644 imigrantes na mesma situação. Os principais países de origem são os Estados Unidos (51.933), Japão, (41.417) Paraguai (24.666), Portugal (21.376) e Bolívia (15.753). Já os estados que receberam juntos mais da metade dos imigrantes foram São Paulo, Paraná e Minas Gerais, seguidos de Rio de Janeiro e Goiás.

A imigração recente advém tanto de países desenvolvidos como em desenvolvimento. Segundo o Ministério da Justiça, entre os anos de 2010 e 2012, o número de pessoas que pediram refúgio no país triplicou. Com os grandes eventos esportivos (Copa do Mundo em 2014 e Olimpíadas em 2016) e o aquecimento na área imobiliária, muitos cidadãos foram atraídos pelos empregos na construção civil. Segundo estatísticas da Polícia Federal de março de 2015, encontram-se regularizados no Brasil 1.847.274 imigrantes, sendo 1.189.947 “permanentes”, 595.800 “temporários”, 45.404 “provisórios”, 11.230 “fronteiriços”, 4.842 “refugiados”; e 51 “asilados”.

Embora os imigrantes representem somente 0,9% da população no país, é importante observar que há áreas de concentração onde percebe-se sua presença com

maior intensidade. No Paraná, por exemplo, os haitianos têm tido bastante visibilidade pelo número de cidadãos acolhidos. Depois de São Paulo, é neste estado que eles estão mais concentrados. Em 2015, dos 18,7 mil haitianos que viviam no Brasil, 4,5% moravam na capital paranaense, segundo dados da Polícia Federal. Isso significa que, assim como outros imigrantes, eles estão pelas ruas, ocupando postos de trabalho diversificados, bastante perceptíveis aos moradores da cidade mas nem sempre visíveis aos olhos da mídia, principalmente desde o ponto de vista de suas motivações e riscos sociais. A situação desses cidadãos é diferente dos outros grupos de imigrantes que chegam ao país por motivos econômicos e de trabalho. O terremoto de 2010, que matou cerca de 200 mil pessoas e a situação política, aliada aos projetos desenvolvidos pelo Brasil naquele país, foram alguns dos motivos para essa imigração.

Os meios de comunicação como mecanismos de representação social

O que caracteriza uma comunidade é sua identidade autoatribuída, que é construída pelos membros por meio de um sistema de significados compartilhados. A maior parte desse sistema compreende itens culturais que derivam de tradições e processos históricos de longo prazo, como definiu Durkheim quando conceituou a teoria das representações coletivas. Esses significados costumavam ser relativamente estáveis ao longo do tempo e carregam ideias centrais sobre o mundo, impondo regras sociais sobre o que é certo ou errado. Para Wagner (2012), atualmente a mídia ocupa papel bastante importante nesse processo já que estabeleceu outro sistema de significados que é muito mais dinâmico e menos resistente às mudanças culturais de uma sociedade. Este sistema é composto por representações de fatos, objetos e eventos resultantes de rápidos avanços científicos e tecnológicos, mas também de mudanças econômicas, políticas e sociais.

É por fazer parte de uma comunidade discursiva que os indivíduos adquirem a possibilidade de se comunicar e, portanto, de participar da construção das representações. A mídia contribui nesse processo já que promove publicamente debates sobre temas relevantes e factuais. Caso a questão de debate mantenha uma importância duradoura, a representação pode “emancipar-se”, de forma a ser usada por vários setores da comunidade de forma hegemônica e sem a lembrança da sua origem (Wagner, 2012). O

caso das migrações enquadra-se nessa problemática de maneira bastante ilustrativa. Quando o fenômeno aparece desconectado de uma situação negativa, há uma invisibilidade na sua cobertura. Não obstante, quando da ocorrência de problemas diplomáticos que envolvam crimes, por exemplo, a mídia passa a travar uma guerra em busca da repercussão. Na sociedade, as representações se propagam (ancoragem) fazendo com que a comunidade faça parte da discussão. Depois de criadas, as adquirem uma vida própria, autonomizando-se a partir de uma dinâmica que tende a dar origem a novas representações. Assim, quanto mais a origem é esquecida mais permanente ela se torna (Moscovici, 2011). Por isso, para compreender uma representação é necessário detalhar o que lhe deu origem.

As formas contemporâneas de criação de representações estão entranhadas na vida moderna e nem sempre têm condições de sedimentar para se transformarem em tradições imutáveis. São perenes, cambiáveis, dinâmicos. Essas características coincidem com o perfil atual dos meios de comunicação eletrônicos que possuem produtos vendidos como mercadorias e, como tais, têm seu valor modificado pelo ciclo de consumo. Colocam os indivíduos permanentemente em contato com representações reorganizadas que adquirem novos sentidos.

Os meios de comunicação de massa aceleraram essa tendência, multiplicaram tais mudanças e aumentaram a necessidade de um elo entre, de uma parte, nossas ciências e crenças gerais puramente abstratas e, de outra parte, nossas atividades concretas como indivíduos sociais. Em outras palavras, existe uma necessidade contínua de reconstruir o “senso comum” ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar (MOSCOVICI, 2011, p.48).

As mídias são grandes produtoras de ideologia ao produzirem representações do mundo social, imagens, descrições e marcos que apresentam e explicam o mundo aos indivíduos. Com uma dinâmica própria, selecionam as notícias a partir de diferentes interesses. Schudson (1988) explica essa prática através da ação pessoal (produto dos jornalistas como indivíduos e suas intenções pessoais), a ação social (influência das organizações) e a ação cultural (notícia como um produto que é parte da uma sociedade e um momento específico). A pressão do tempo é também um elemento importante nessa avaliação, principalmente no ambiente televisivo.

No estudo sobre as representações sociais criadas pela mídia é necessário ter em conta os quatro princípios metodológicos descritos por Moscovici (2011), que podem se referir quer à mídia quer às interações cotidianas quer, ainda, à intersecção entre a mídia e as interações do cotidiano. O primeiro princípio afirma a necessidade de apreender as

imagens que as pessoas fazem de determinados grupos sociais por meio das suas conversações. Como observou Tarde (2010 *apud* Moscovici, 2011), opiniões e representações são criadas no curso de conversações, são elementos utilizados nas relações e suas formas de comunicação, variam de acordo com o grupo e mudam com o passar do tempo. O segundo princípio refere-se às representações sociais como formas de recriar a realidade.

Através da comunicação, as pessoas e os grupos concedem uma realidade física a ideias e imagens, a sistemas de classificação e fornecimento de nomes. Os fenômenos e pessoas com que nós lidamos no dia a dia são, geralmente um material bruto, mas são os produtos, ou corporificações, de uma coletividade, de uma instituição, etc. (MOSCOVICI, 2011, p. 90).

Algumas percepções podem ser reproduzidas fora da realidade em que foram criadas, o que pode causar distorção e conflito com a concepção interna de cada indivíduo. O referencial, sobre o qual se reconstrói a realidade, pode ser repetido até que se torne autônomo, ou seja, independente da pessoa que o criou, e ganhe permanência e estabilidade.

O terceiro princípio leva em consideração o fato de que as representações sociais se revelam com mais clareza em tempos de crise, quando as imagens que se referem a um grupo passam por alguma transformação. Nesses momentos as pessoas estão ávidas por falar sobre o assunto, as memórias coletivas são mais facilmente acessadas, as imagens estão mais vivas e o comportamento é mais espontâneo. As pessoas tentam entender um mundo não familiar que se criou. As representações se mostram mais transparentes, pois os limites entre o mundo público e privado se misturam. Essas tensões podem modificar de forma concreta alguns pensamentos do senso comum. E o quarto e último princípio entende que as pessoas que ajudam na construção das representações são uma espécie de “professores” amadores. São nas reuniões não oficiais, ou seja, nas discussões em locais públicos como bares e clubes, que se criam laços sociais e se disseminam as representações, mas também a partir do trabalho de profissionais como cientistas que popularizam a ciência, e da mídia que, por meio da divulgação de fatos. As representações são, portanto, geradas não pela contemplação pessoal, mas pela participação dos indivíduos no discurso social. Além disso, as conversas pessoais retomam o conteúdo midiático, que agendam cada vez mais os temas discutidos na sociedade e as relações interpessoais (ROUQUETTE, 1999). Assim, os meios de comunicação não funcionam somente como mediadores, mas como construtores da realidade, são sujeitos agentes na sociedade em que se inserem. Isso não significa dizer que as representações midiáticas

contribuem a tal ponto para a produção simbólica da realidade que acabam por exercer um poder de influência sobre os públicos. Pelo contrário, os conteúdos e representações não passam simplesmente, sem posteriores elaborações, aos sistemas de representação e conhecimentos da audiência. A construção da realidade não é um produto, mas um processo (BUONNANO, 1999) durante o qual se apresentam, se interpretam, se comparam, se discutem e se negociam significados sobre aspectos da vida cotidiana e do mundo social. Esse papel que coube, no passado, aos rituais e mitos de sociedades antigas, hoje faz parte do processo das representações midiáticas. As atuais, como considera Buonnano, são tão legítimas quanto as anteriores. Essa realidade, é importante observar, é, em grande parte, determinada por aquilo que é socialmente aceito como realidade (LEWIN, 1948 *apud* MOSCOVICI, 2011). E é baseado nesta realidade social que os indivíduos agem.

Como afirma Hall (1994), as mensagens desse gênero têm mecanismos significativos que veiculam certos sentidos e escamoteiam outros, indicando uma leitura dominante/preferencial. É nesse ponto que representações sociais tornam-se elementos importantes para a construção das narrativas.

A função de familiarização com o mundo social, de acordo com Buonnano, diz respeito à preservação, construção e reconstrução do “sentido comum” da vida cotidiana pelo compartilhamento de crenças e pensamentos que promovem o reconhecimento do mundo social e os sentidos de perecimento e conexão. Conforme Moscovici (2011), as pessoas que vivem em sociedade possuem uma bagagem de valores que elas carregam durante toda a vida, ora modificando, ora reforçando valores. Essas pessoas possuem um modo de vida comum que já tem seus esquemas classificatórios, suas formas de julgamento, que informação pode ser verossímil, etc. Além disso, o autor sugere que quase todo conhecimento do indivíduo provem de outro, seja através da linguagem, das narrativas ou dos modelos. Assim, o que se herda são práticas coletivas que precisam se renovar a cada momento por meio da interação. O jornalismo, nesse sentido, conserva e garante a construção de um sentido comum e o reconhecimento de um “nós” amplo.

A natureza da repetição, a orientação consensual, a tendência da narrativa televisiva de trabalhar sobre o compartilhado e sobre o compartilhável não são falsos mas requerem ser contextualizados em uma situação na qual os coros, as visões consensuais, as esferas de significados compartilhados se pluralizam dentro e por meio das múltiplas realidades do mundo em que vivemos (BUONNANO, 1999, p. 68).

Nesta perspectiva, as representações tendem a ser simplificadas e abre-se espaço para os estereótipos, que não exigem complexas construções mentais de elaboração e

percepção. O inconveniente é que a repetição dessas representações acaba por perpetrar imagens estandardizadas, muitas vezes carregadas de conotações negativas. Isso não significa dizer que elas são estéticas, já que, provenientes de uma criação coletiva, adquirem uma vida própria que se choca, se aproxima e se repele, como moléculas em combinações com outras (MOSCOVICI, 2011). Essa dinâmica gera a oportunidade do nascimento de novas representações e a morte de velhas.

Análise de conteúdo dos telejornais

Afim de analisar a representação midiática dos imigrantes nos telejornais brasileiros e como se constrói o discurso que envolve o tema, foram monitorados, de segunda a sexta-feira, os noticiários matutinos da Rede Globo: Bom dia Paraná (de âmbito estadual), Bom dia Brasil e Jornal Nacional. O conjunto analisado abrangeu 27 semanas de visualização, de maio a outubro de 2015, na busca por peças referentes a imigrantes e/ou estrangeiros que vivem no Brasil e a brasileiros que moram no exterior. No ano de 2016, a análise abrangeu os mesmos noticiários e o conjunto analisado abrangeu 36 semanas de visualização, de março ao outubro. A metodologia utilizada excluiu visitantes e turistas. Reunidas as matérias, o objetivo era de enquadrá-las em uma planilha na qual constavam variáveis de forma (data, gênero jornalístico, espaço ocupado), conteúdo (personagens apresentados, nacionalidade e situação jurídica do imigrante, tema principal da matéria) e discurso (narrativa, tom e argumentação dominante da peça, fontes) (CUNHA, 2012).

A análise será apresentada em dois âmbitos: nacional e regional. No que diz respeito aos telejornais que alcançam a audiência em todo o país, em 2015 foram encontradas 124 matérias no total. A maior parte tratava de assuntos internacionais relacionados ao tema, em geral sobre a crise migratória da Europa e os acidente com barcos de refugiados. Do total, somente 44 tratavam na imigração no Brasil ou de brasileiros no exterior. O noticiário que dedicou maior visibilidade ao assunto foi o Bom Dia Brasil com 56 peças, seguido do Jornal Nacional com 52. Já em 2016, foram encontradas 151 peças, sendo 45 sobre temas nacionais. Dentre os telejornais citados o que mais reportou a temática foi o Jornal Nacional com 83 peças, seguido pelo Bom dia Brasil, com 51 peças. A temática geral das notícias ficou concentrada em sua maior parte entre: Violência, Terrorismo, Resgate, Mortes, Legalização e Cultura. Estes foram os

temas com maior expressividade e clareza temática observados. Das 45 matérias de âmbito nacional, a editoria que mais aparece é a policial com 12 apresentações, sendo em sua maioria notas cobertas e sem fontes. Nas matérias onde há presença de fonte esta se dá na voz da fonte oficial de segurança. A maior reportagem de âmbito nacional, foi veiculado no Jornal Nacional em 15 de outubro, com duração de três minutos. O tema estava ligado a saída de haitianos do Brasil. As duas fontes apresentadas foram devidamente nomeadas e a peça apresentou uma contextualização da situação desde o início da chegadas desses imigrantes em 2014.

Foi possível observar diversidade em relação à nacionalidade dos imigrantes retratados tanto em 2015 quanto em 2016. Em 2015, as nacionalidades com maior expressividade foram de sírios e africanos. Já a falta de identificação das fontes é bastante recorrente. Apenas 19 estrangeiros ouvidos nas reportagens foram devidamente identificadas com GCs⁴, enquanto seis foram tratados apenas como imigrantes no texto do repórter. 78 peças não continham fonte alguma e 21 tratavam apenas de fontes oficiais, como representantes de ONGs, polícia e políticos. Em 2016 também foram os sírios e africanos que mais apareceram, seguidos dos haitianos. Em relação as fontes é preciso observar que apenas 30 pessoas foram devidamente identificadas com GCs, destes 11 eram imigrantes e as demais fontes especializadas. Nove pessoas foram tratadas apenas como imigrantes/refugiados e 84 peças não continham fontes.

Em relação às fontes das matérias nacionais, é importante observar o uso de identificação (GCs) quando a reportagem se refere aos estrangeiros. No caso dos sírios todas as peças trazem a identificação do personagem imigrante. O mesmo não ocorre, por exemplo, nas reportagens sobre os haitianos, quando há identificação em apenas um imigrantes de uma peça. Os demais são somente referenciados no texto do repórter como “haitiano” ou pelo primeiro nome. Já as fontes oficiais estão presentes em oito reportagens (que trazem alguma fonte), enquanto quatro não trazem nenhuma fonte.

No que diz respeito às peças exibidas pelo telejornal local Bom Dia Paraná, em ambos os anos analisados percebe-se a tentativa de evidenciar o lado positivo da imigração por meio de histórias de integração e festividades. Em 2015, das 16 reportagens, quatro são sobre brasileiros no exterior, sendo uma sobre o paranaense condenado à morte na Indonésia por tráfico de drogas cujo corpo foi enterrado em Curitiba; duas sobre o piloto paranaense, suspeito de tráfico de drogas, que teve o avião

4

Gerador de caracteres que, inserido no parte inferior da tela, identifica o entrevistado.

que pilotava abatido no Peru; e outra sobre o dia internacional de combate ao tráfico de pessoas que relata a história de uma vítima paranaense. Cinco reportagens são sobre datas comemorativas: Expo Japão, em Londrina; Ramadã na comunidade muçulmana em Foz do Iguaçu; festival oriental em Maringá; Oktoberfest em Rolândia e o aniversário de Maringá que relembra a imigração japonesa. Uma matéria, situada na editorial policial, conta o caso de um peruano preso ao tentar trazer medicamentos ilegais para Curitiba. Das outras cinco peças restantes, três tratam de casos de haitianos que frequentam aulas de português e tentam com isso uma condição social melhor no Paraná (em uma delas eles participam também de uma festa junina) e duas mostram a vida de refugiados sírios, a superação dos traumas da guerra e o empreendedorismo deles. Há ainda uma matéria que retrata a vivência de americanos que ensinam português em Ponta Grossa. Percebe-se o cuidado do uso de fontes imigrantes e de sua identificação em todas as peças que tratam de estrangeiros que vivem no Paraná.

Em 2016, o Bom Dia Paraná traz 19 reportagens sobre o tema. Manteve-se o número de quatro reportagens sobre brasileiros no exterior, como no ano anterior. Duas delas tratavam da regularização de brasileiros residentes no Paraguai; uma sobre os investimentos de empresários brasileiros naquele país e outra sobre a campanha de enfrentamento ao tráfico internacional de pessoas com o relato do caso de uma brasileira no exterior que havia passado pelo problema. A editoria de cultura esteve presente em oito matérias: artista plástico alemão que produziu um livro sobre a história de Maringá em quadrinhos; festival cultural organizado por haitianos em Cascavel; exposição de cultura japonesa em Londrina; artista plástica chinesa, moradora de Foz de Iguaçu que iria representar a América Latina em um evento; duas sobre o Ramadã; e a comemoração dos 65 anos de imigração suábica na cidade de Guarapuava. Em esporte houve apresentação de uma matéria a respeito de um jogador de futebol turco, naturalizado inglês, que estreava no time de futebol Coritiba. Duas matérias tratavam de temas policiais: uma sobre a prisão de narcotraficante procurado pela Interpol em Foz de Iguaçu e a segunda sobre a investigação de uma agressão a um estudante haitiano também em Foz do Iguaçu. Havia ainda uma matéria ligada à educação que abordava a abertura de vagas remanescentes na Universidade Federal do Paraná (UFPR) para refugiados e outra sobre emprego com o curso de camareira ofertado em Londrina e voltado aos imigrantes haitianos. E abordando a imigração de forma mais ampla duas matérias; uma sobre cadastramento de imigrantes na cidade de Toledo e uma falando sobre os imigrantes

haitianos que estão deixando a cidade de Curitiba em busca de oportunidades em outros locais.

Conclusão

Percebe-se, com o monitoramento, que é necessário analisar de forma diferenciada a cobertura nacional e a regional sobre o tema das migrações. Enquanto nos telejornais de âmbito nacional há uma preferência por exibir reportagens ligadas à tragédias, nos noticiários locais a intenção é focar nas histórias de superação e integração.

No caso das notícias internacionais, a exaustiva cobertura da chegada de embarcações à Europa teve destaque nos meses de maio e junho de 2015 com repercussões também ao longo de 2016, enquanto as matérias nacionais sobre temas policiais foram maioria no noticiário. As reportagens na categoria esportiva também evidenciam a colocação do tema sob o aspecto do entretenimento. Tanto a etnização da delinquência como a superficialidade no tratamento do tema eliminam a possibilidade que a mídia tem de contribuir para pautar discussões públicas sobre o tema e, conseqüentemente, perde-se a oportunidade de ampliar e melhorar as condições sociais e de integração dos imigrantes.

No âmbito das representações sociais, entende-se que questões factuais e relevantes podem contribuir para a construção e manutenção de determinadas representações. Entretanto, a discussão superficial sobre o tema apenas cria rápidos estereótipos que depois se desfazem e são substituídos por outros. Mas há também a possibilidade dessas representações “emancipar-se” e tornarem-se lembranças compartilhadas por toda sociedade.

No caso das migrações, a mídia, de forma geral, tende a repercutir apenas ocorrência de caráter negativo, seja a criminalidade ou os desastres envolvendo imigrantes. Como essas notícias tornam-se subsídios das narrativas quotidianas, as representações são repassadas e reconstruídas nos diálogos diários. É assim, passando de voz em voz, que muitas vezes perde-se de vista a origem da representação, restando apenas o pré-conceito sobre ela.

Por outro lado, é notável a tentativa local de desconstrução de estereótipos negativos, como o exemplo do Bom Dia Paraná. Embora tragam apenas 16 reportagens em 2015 e 19 em 2016, mostram-se interessados em contextualizar, ainda que de forma

superficial, o fluxo migratório. Em relação à identificação dos entrevistados, todos são devidamente creditados e há mais vozes populares e imigrantes do que oficiais. Também é necessário observar a nota pé de cada uma das reportagens. Em uma matéria sobre as aulas de português para haitianos, o apresentador diz “É... Afinal de contas, tirando os índios, todos nós somos imigrantes”. Já na reportagem sobre os sírios empreendedores, coloca-se a seguinte nota pé: “queremos desejar toda a sorte ao refugiados que chegaram no Paraná e também para a Andréa Barcellos. Ela que é de Medianeira e está no mundo trabalhando com refugiados”.

Esse tipo de aproximação com a realidade de forma positiva pode auxiliar a mudança no sistema de julgamento da sociedade. Se as representações podem modificar ou reforçar determinados valores, isso também se dá por meio do conteúdo informativo. É a formação do “nós” amplo, que nesse caso, integra também imigrantes, entendidos como pessoas que têm aspectos positivos a agregar na sociedade. Porém, como são raros os exemplos de peças deste tipo que abrangem essa temática, dificulta-se a discussão mais aprofundada e frequente.

Referências

BUONANNO, Milly. **El drama televisivo: identidad y contenidos sociales**. Barcelona: Gedisa, 1999

CUNHA, Isabel F. **Análise dos media**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2012

HALL, S. “Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales” *in* Restrepo, Eduardo; Walsh, Catherine; Vich, Víctor. (Eds.) **Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales**. Bogotá: Instituto de estudios sociales y culturales/ Pensar, Universidad Javeriana, Instituto de Estudios Peruanos, Universidad Andina Simón Bolívar sede Ecuador, Envión Editores, 2010

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage Publications, 1997

MARINUCCI, R. **Migrações internacionais contemporâneas: as razões da crescente intensidade**. In Revista In Cammino . XXXIII, 83 (julho/dezembro – 2008) 7-16

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 8. ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

ROUQUETTE, M. L. **El flujo y el fino (comentários sobre el artículo de Serge Moscovici)** (J. S. Ramirez, Trad.). Iztapalapa: Departamento Autónoma Metropolitana, 1999.

SCHUDSON, M. Por que as notícias são como são. **Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n.6, p.17-27, dez. 1988

WAGNER, Wolfgang. **Social Representation Theory In Christie, D. The Encyclopedia of Peace Psychology**. New York, NY: Wiley-Blackwell, 2012